





# Labirintos da arte e do vazio

“Em vivo contato”, a 28ª edição da Bienal Internacional de São Paulo, trouxe a polêmica como sua arte maior

por ] Rubens Pileggi Sá, especial para a ZAZ

fotos ] Divulgação

Conceituada como uma das mais importantes mostras de arte do mundo, a Bienal Internacional de São Paulo, em sua 28ª edição, se colocou como uma pergunta na proposta de seu atual curador Ivo Mesquita, que teceu críticas contundentes a seu modelo tradicional, uma vez que foi incapaz, segundo ele, de se renovar em seus 57 anos de existência.

De fato, imersa em uma crise institucional e financeira sem precedentes, embora paulatinamente anunciada desde outras edições anteriores, o que se mostra - ou melhor, o que não se mostra - desta vez, parece escancarar tal crise, a começar pelo nome “Bienal do Vazio”, pela qual ficou conhecida.

Mas é preciso admitir que o papel do crítico, que pode >>



>> e tem o dever de chamar atenção para os problemas que vê naquilo que está analisando – seja arte ou não – é diferente do papel do curador, cuja atuação, esperamos, é responder às perguntas levantadas e não criar outras, com o intuito de tornar a crise ainda mais evidente.

#### Contatos e deslizamentos

Com o segundo andar do prédio modernista, assinado pelo arquiteto Oscar Niemeyer, do Parque do Ibirapuera, totalmente vazio, a idéia curatorial “Em vivo contato” parecia pouco adequada ao que se apresentava no local.

Principalmente se o visitante descesse até a grande marquise do parque Ibirapuera, lá fora, que pulsava de gente brincando com skates, passeando de patins, namorando, vivendo, sem se perguntar se aquilo que faziam era arte ou se a idéia de “em vivo contato” fazia algum sentido.

Tive a oportunidade de realizar uma entrevista com o curador-chefe,

Ivo Mesquita, que, embora sentado em uma cadeira de rodas para se locomover - devido a uma torção no joelho dias antes da abertura da mostra – e aparentemente confortável em seu veículo de transporte e a falar sobre locomoções, parecia incomodado com o lugar que ocupava.

A cada pergunta da reportagem ele retornava com outras perguntas, do tipo: “por que uma Bienal tem de ser cheia? Por que é necessário que a Bienal aconteça somente nesse espaço modernista? Nossa curadoria é uma crítica a tudo isso”. E eu devolvia as mesmas perguntas. E ele respondia: “não há labirintos de paredes para as crianças ficarem brincando, isso não é parque de diversão”.

Apontei o tobogã – uma obra do belga Carsten Höller – que levava as pessoas do terceiro andar para o andar térreo e o curador fez mais uma pergunta, desta vez questionando sobre quais eram os acessos do prédio para pessoas

(Na página anterior e abaixo) Obra do belga Carsten Höller. O tobogã foi instalado no prédio da Bienal e levava as pessoas do terceiro andar para o andar térreo. (Acima) O pavilhão vazio da Bienal.

deficientes, virando seu corpo em direção às imensas rampas. E eu disse para um Ivo Mesquita um pouco contrariado, que tinham escadas rolantes e um elevador nos fundos do prédio, embora este não



fosse de acesso ao público. Mesmo assim ele estava disposto a defender sua idéia que aquilo não era entretenimento e o tobogã era um meio de transporte, criando uma ligação do terceiro andar para o térreo.

#### Memória e novidades

Outra pergunta feita ao curador foi sobre o partido pensado para essa bienal, e ele falou de arquivos, registros, memórias. Que era uma bienal para se pensar as bienais. De se pensar o modelo no qual a bienal havia se constituído, enfim. O problema é que a mão autoral da curadoria é muito presente e toda a crítica – totalmente pertinente, de fato – parece não se reverberar em aberturas, a começar pela própria curadoria, que se questiona, mas não propõe um outro modelo.

Quando, por exemplo, diz que é a memória o assunto dessa bienal, poderia abrir mão dos registros de artistas, ou de trabalhos já mostrados em outros eventos, pois grande parte do trabalho exposto já foi visto em outros locais.



Acaba-se o núcleo histórico, mas tenta preservar o passado. Retira os grandes nomes da história da arte e mostra registro de vídeo de artistas. Enfim, pouca coisa foi realizada, mesmo, para a Bienal 2008.

Um dos trabalhos mais potentes, aliás, não é nem de artista, mas foi construído sob encomenda para o evento, junto aos trabalhos de arte. Tratava-se de um arquivo com a reprodução de livros e catálogos de várias bienais e mostras do mundo – como Veneza, Kassel e Bienal de São Paulo – que podem ser manipulados pelos visitantes.

#### Produção de discursos

O que fica evidente, porém, nesta 28ª edição, é que a curadoria privilegiou o domínio visual todo do terceiro andar – o único que tinha obras de artistas visuais – com o design do mobiliário, aparentando um enorme display cujo padrão visual único achatava as diferenças entre os trabalhos.

Outra coisa, se a questão da bienal era a produção de discursos, ao menos espaços para o debate é que não faltaram. Além do térreo inteiro dedicado a palestras, encontros e shows, no terceiro andar também existe uma arquibancada para este fim, em meio aos outros trabalhos de arte. Para relaxar, a programação ainda contava com aulas de dança e grupos musicais que se apresentaram

durante vários dias desta que foi, também, a mais curta bienal da história das bienais de São Paulo, apenas 40 dias.

Uma coisa é certa. Se os debates não foram suficientes para preencher o vazio da bienal, pelo menos os pichadores já resolveram tomar para si uma parte de toda essa questão, pichando as paredes do segundo andar, em uma ação prevista, mas, infelizmente, sem que se tomassem cuidados para impedi-la. Se isso não serviu para preenchê-la – até porque as marcas foram rapidamente retiradas e seus autores autuados – pelo menos um pouco mais de polêmica preencheu seus espaços. Polêmica que parece não convencer a muita gente.

#### História

A história da Bienal Internacional de Arte de São Paulo se inicia em 1951, e é a primeira exposição de arte moderna de grande porte realizada fora dos



centros culturais europeus e norte-americanos. Sua origem está ligada a uma série de outras realizações culturais em São Paulo - Masp (1947), TBC (1948), MAM/SP (1949) e a Cia Cinematográfica Vera Cruz (1949) - que aponta para o forte impulso institucional que as artes recebem na época, beneficiado por mecenas como Ciccillo Matarazzo e Assis Chateaubriand.

(Acima) Instalação da mineira Valeska Soares, composta por tapete e letras produzidas com polpa de papel. As letras e o tapete são feitos a partir da capa e dos textos do catálogo da 1ª Bienal Internacional de São Paulo (1951) e das letras do tema da 28ª, “Em Vivo Contato”. (Ao lado) Obra de Rivane Neuneschwander.

Sua influência é sentida desde sua primeira edição, premiando obras como a “Unidade Tripartite”, do suíço Max Bill, que influenciou toda uma geração de artistas concretistas no país. Também vieram, pela primeira vez, obras de Pablo Picasso, Alberto Giacometti, René Magritte, George Grosz, etc. além de apresentar a produção brasileira de Lasar Segall, Victor Brecheret, Oswaldo Goeldi, entre outros. Sua instalação no parque Ibirapuera ocorreu em 1957, ocupando definitivamente sua atual sede no Parque Ibirapuera, o Pavilhão Ciccillo Matarazzo. Depois de muitas transformações, a Bienal passa por um período de baixa, quando muitos dos artistas internacionais se recusaram a mostrar seus trabalhos, devido à repressão política >>





>> no Brasil. A oposição dos artistas à ditadura militar ganha expressão ampliada na 10ª Bienal (1969), quando, no Museu de Arte Moderna de Paris, diversos artistas e intelectuais assinam o Manifesto Não à Bienal.

Sob a batuta de Walter Zanini que fez a curadoria da 16ª e da 17ª bienal, o evento volta a ganhar prestígio, apresentando o acervo do Museu do Inconsciente e reconquistando a participação dos artistas contemporâneos – entre esses, tem grande impacto a representação nacional, com Antonio Dias, Cildo Meireles e Tunga, entre outros.

Nos anos 1990, as mostras são organizadas com base em grandes temas, por exemplo, “Ruptura com o Suporte” (1994) e “Antropofagia” (1998). Nessa década, as bienais são tomadas por espetáculos como dança, teatro e música, fazendo delas eventos culturais mais amplos.

Com presença cada vez mais forte, nos últimos 10 anos, de banqueiros em sua presidência, a Fundação Bienal acabou se transformando em um negócio que foi se diversificando em vários outros eventos, mas, ao mesmo tempo, perdendo seu poder de debater grandes temas e enclausurada entre a lógica de mercado e sua função cultural, chegando à 28ª

edição escancarando sua crise. Crise que tem sido apontada por todos, embora pareça que ninguém queira abrir mão dos papéis que continuam representando.

### Impressões

ZAZ pediu para um visitante e dois artistas participantes refletissem sobre a 28ª Bienal de São Paulo. Como visitante, escolhemos o artista visual Ademir Kimura, que esteve lá e nos deu seu relato, aqui disponibilizado em forma de trechos. Iran do Espírito Santo e João Modé foram os artistas participantes desta edição, entrevistados pela reportagem.

### Relato de um visitante (Ademir Kimura)

“Esta edição da exposição ficou mais conhecida pelo seu apelido “Bienal do Vazio” do que pelo seu nome oficial” Em vivo contato”, título que ficou praticamente esquecido

(Acima, à direita) Dora Longo Bahia realizou uma instalação com uma pintura que recobre o piso inteiro do terceiro andar. As camadas se revelavam conforme o uso, qual um palimpsesto. (Acima, à esquerda e imagens abaixo) Mabe Bethônico, imagens de arquivo, fotos de campo e registro históricos da Bienal.

até mesmo pela imprensa especializada. Possui seus méritos discutindo a relevância de uma bienal nos dias atuais, porém a importância do evento extrapola simplesmente o conceito que Mesquita questiona. Hoje em dia, há centenas de bienais pelo mundo, concordo, mas a bienal de São Paulo é a que temos por aqui, é a nossa bienal. Além de ser uma das mais antigas, influentes e importantes do mundo é o momento máximo da arte contemporânea brasileira.”

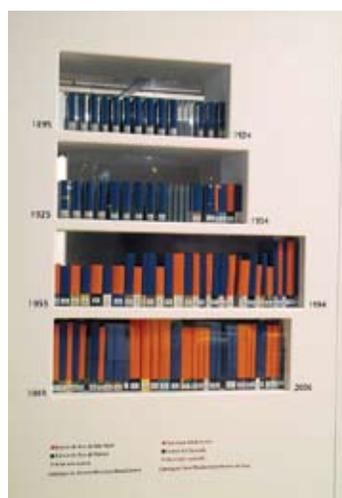
“O segundo andar foi propositalmente esvaziado para que seja o símbolo ou o local de uma reflexão sobre si mesma. Particularmente acho que o lugar ficou muito bonito daquela forma, com todo aquele imenso espaço mostrando as curvas e as retas do belo prédio modernista projetado por Niemeyer. A concepção da separação entre o primeiro (divertido) e o terceiro andar

(cabeça) não ficou clara pra mim, mesmo sabendo da intenção curatorial.”

“Vários shows, palestras e performances marcaram esta edição, mas para alguém que não é de São Paulo, como o meu caso, estes eventos nada significam, além da sensação que não ví toda a mostra e o pior, perdi algo. O catálogo segue esta mesma ideia (revolucionária?) e foi dividido em 9 fascículos em forma de tablóide, de forma que para obter o catálogo completo, somos obrigados a frequentar o evento toda semana, durante todo o período da mostra.”

“Há vários artistas significativos, sem dúvida, como Eija-Liisa Ahtila, cujo vídeo gostei bastante, Marina Abramovic, ou os mil e oitocentos desenhos de Allan McCollum, mas o trabalho mais emblemático pra mim é a de Iran do Espírito Santo que numa imensa parede branca depositou sua obra Buraco de Fechadura.”

“Não posso questionar a coragem de Mesquita em propor uma pausa de reflexão para um evento que chegou a reunir no passado mais de um milhão de visitantes de todas as partes do país e do mundo. Mesmo com todos os seus problemas, os olhos de todo o mundo da arte se voltam para São Paulo e esta edição talvez seja um marco para um novo rumo do futuro da bienal, porém, ela por si só não conseguiu realizar o que se propunha.”





### Iran na Bienal

Iran do Espírito Santo nasceu em 1963 em Mococa (SP) e estudou artes plásticas na Fundação Armando Álvares Penteado, FAAP, em São Paulo, formando-se em 1986.

Estudou, entre outros, com os professores e também artistas Nelson Leirner e Regina Silveira, tendo como companheiros alguns dos artistas que se destacaram da chamada Geração 80: Ana Maria Tavares, Caetano de Almeida, Leda Catunda, que entenderam a urgência em abandonar formas artísticas que isolavam a obra do espectador, por meio de estéticas passivas.

O trabalho de arte de Iran, no entanto, segue caminho próprio, enveredando para o interstício entre arte e sociedade, campo de sua pesquisa, que se firmou numa consistente produção de desenhos, objetos, esculturas e instalações.

Uma das características de sua obra é a de assumir a ambigüidade das relações entre design e arquitetura, construção e abstração, onde o conceitual e o plástico perpassam idéias de qualidades poéticas que desconcertam nossa percepção do espaço, sem perder sua potência crítica.

Em entrevista, o artista explica sobre sua peça exposta na 28ª Bienal e comenta sobre sua participação no evento. A seguir, em trechos.

(Acima) **Video da finlandesa Eija- Liisa Ahtila.** (Abaixo) Leya Mira que se dedica à gravura e flerta, de vez em quando, com o desenho, “mas sempre pensando na gravura”.

“Meu trabalho apresentado data de 1999, e é uma pequena escultura em aço inox que representa um buraco de fechadura tridimensionalizado. Devido sua superfície polida ele espelha todo o espaço que o circunda e o observador.

Achei que essas qualidades já seriam suficientes para que dialogasse com o tema dessa Bienal que pretende se auto-examinar. Gosto do fato de não ser um trabalho novo e de ter sido instalado de uma forma absurda, com aquela enorme desproporção entre escultura e a parede que a sustenta.”

“A relação direta com o espaço do prédio já está dada pela qualidade de espelho que força uma relação imediata com a arquitetura e até com as outras obras que inevitavelmente refletem-se na escultura. Quanto à relação com outras obras

## Presenças na Bienal do Vazio

■ Marina Abramovic, nascida em Belgrado, ex-Iugoslávia, em 1946 é uma das artistas contemporâneas mais importantes da atualidade e participou com uma mostra de vídeos de suas performances.

■ Mircea Cantor é romeno e vive em Paris, fez a única obra da bienal em que se levanta os olhos para ser apreciada, um “tapete voador” com estampas de avião, anjos e desenhos geométricos

■ Diferente de outros criadores contemporâneos, que preferem afirmar sua produção multimídia, lançando mão de diversos suportes, a paulistana Leya Mira dedica-se quase que exclusivamente à gravura e flerta, de vez em quando, com o desenho, “mas sempre pensando na gravura”, diz.

■ Dora Longo Bahia realizou uma instalação composta por pintura que recobre o piso inteiro do terceiro andar do pavilhão da Bienal. Conforme as pessoas passavam sobre seu trabalho, o piso vai

revelando outras camadas, como um palimpsesto

■ A mineira Valeska Soares criou uma instalação composta por tapete e letras produzidas com polpa de papel. As letras e o tapete são feitos a partir da capa e dos textos do catálogo da 1ª Bienal Internacional de São Paulo (1951) e das letras do tema da 28ª, “Em Vivo Contato”.

■ Sophie Calle é uma artista francesa que utiliza a escrita, a fotografia, o vídeo e a performance para criar um trabalho extremamente pessoal e autobiográfico, na Bienal a artista expôs a obra “La Filature” (A Perseguição), um de seus projetos mais antigos, de 1981.

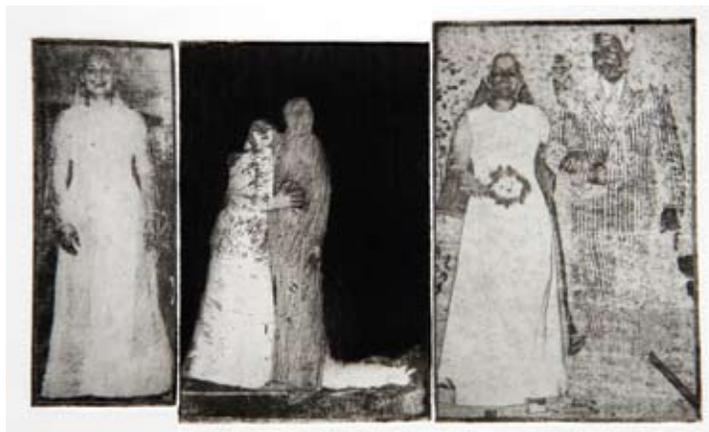
■ Mabe Bethônico é mineira. Sua arte é intimamente ligada à pesquisa e à universidade. Nesta Bienal, a artista distribuiu ao público o “Jornal Museu nº 3”. “São imagens de arquivo, fotos de campo e registro históricos sobre a dinâmica própria da Bienal e do Ibirapuera”, revela Mabe.

específicas apresentadas na Bienal, no momento não saberia dizer. Pela condição pouco ortodoxa da montagem, os trabalhos acabam se contaminando, mas às vezes, me parece que de maneira autoritária de uns sobre os outros. Sem dúvida que é uma Bienal para ser pensada e aguçar o sentido crítico das pessoas.”

### A proposta de João Modé

João Modé é arquiteto e mestre em linguagens visuais. Como artista, sua linguagem não cabe em único suporte. Trabalha com vídeo, fotografias, instalações, ações com a participação do público e intervenções na arquitetura.

Entre as exposições que participou, destacam-se o “Panorama da Arte Brasileira”, em 2007, no Museu de Arte Contemporânea de São Paulo, Paço Imperial, no Rio de Janeiro, e no Centro Cultural São Paulo. Também já participou de mostras na Colômbia, na Suíça, na França e em outros países europeus. Foi um dos artistas da coletiva “Futuro do Presente”, em 2007, no Itaú Cultural. No mesmo ano, passou um mês em uma residência artística em Belle Isle, na costa da Bretanha, na França. Lá >>





>> desenvolveu outra parte de seu projeto para a Bienal, uma série de dez vídeos que registram a passagem do tempo. O tempo, aliás, é um dos temas recorrentes em seus trabalhos. Abaixo, trechos expressos em nossa conversa:

“Minha produção é ativada por diversos fatores. Normalmente vou trabalhando com as situações propostas. No caso da Bienal, quando recebi o convite, estava envolvido com alguns projetos – uns antigos, outros mais recentes – que tratavam da passagem do tempo nas coisas. Resolvi incluí-los, somados a outros, feitos especificamente para um diálogo com o pavilhão do Oscar Niemeyer”

“São quatro trabalhos que convivem numa área do terceiro andar da Bienal. Como disse, alguns ‘esboços’ já estavam ao meu redor, outros foram pensados a partir da situação espacial do prédio. Durante as visitas que fiz ao pavilhão para ver o espaço, tive a oportunidade de ficar sozinho no prédio fazendo registros, para quando eu voltasse para

o Rio, pensar o projeto. O espaço onde vou trabalhar é sempre importante no desenvolvimento dos meus trabalhos.

O pavilhão é um marco da arquitetura modernista e foi um grande estímulo estar ali pensando num projeto que dialogasse com aquele espaço monumental. Não só pela arquitetura em si, mas também porque foi ali que tive grande parte da minha formação como artista. Fui registrando a variação da luz do dia adentrando pelas esquadrias envidraçadas, algumas gambiarras que encontrei – adaptações necessárias àquela

(Acima) Escultura de Iran do Espírito Santo, **Buraco de fechadura** (1999). Devido sua superfície polida ele espelha todo o espaço que o circunda e o observador. (Abaixo) “Extensor” de João Modé, união entre o espaço interno e externo da Bienal.

estrutura rígida –, criando pequenos espaços dentro das fotos.

cabei montando um livro – que o público pode manusear – com estas imagens que fiz. O livro não tem capa deixando assim toda a estrutura [a costura, os cadernos] aparente, assim como o prédio. Outro projeto que se relaciona diretamente com o edifício é o ‘Extensor’ – uma corda que está amarrada numa das árvores do Parque do Ibirapuera e que adentra o prédio pela esquadria e é presa numa das colunas. A utilização de panos de vidro na arquitetura moderna, buscava trazer o exterior

para dentro do prédio, por outro lado, o vidro é uma separação intransponível. O ‘Extensor’ une o espaço externo e o interno do pavilhão da Bienal. A coluna recebe as vibrações dos movimentos da árvore e gosto de pensar também no inverso, que a corda recebe as vibrações do prédio e que os dois movimentos se encontram nele.

“Uma exposição como a Bienal de São Paulo tem uma visitação enorme e é sempre bom pensar que muitas pessoas vão ter acesso ao trabalho. Por outro lado, são trabalhos muito sutis e talvez algumas pessoas não percebem a presença de alguns deles. Acho que os trabalhos precisam de um tempo para ser apreendido, como disse, eles tratam da passagem do tempo – em um deles, uma flor, que é trocada três vezes ao dia, desfalece na frente de um objeto.

Eu acho que a curadoria foi bem precisa na escolha dos artistas. Para mim, é um grande prazer participar desta edição.”

\* Rubens Pileggi Sá é artista visual, escritor de arte e autor do livro *Alfabeto Visual*.



